

DOMINGO XXI DO TEMPO COMUM

CIC 543-546: todos os homens são chamados a entrar no Reino de Deus

543 *Todos os homens* são chamados a entrar no Reino. Anunciado primeiro aos filhos de Israel¹, este Reino messiânico é destinado a acolher os homens de todas as nações². Para lhe ter acesso, é preciso acolher a Palavra de Jesus:

«A Palavra do Senhor compara-se à semente lançada ao campo: aqueles que a ouvem com fé e entram a fazer parte do pequeno rebanho de Cristo, já receberam o Reino; depois, por força própria, a semente germina e cresce até ao tempo da messe»³.

544 O Reino é dos *pobres e pequenos*, quer dizer, dos que o acolheram com um coração humilde. Jesus foi enviado para «trazer a Boa-Nova aos pobres» (Lc 4, 18)⁴. Declara-os bem-aventurados, porque «é deles o Reino dos céus» (Mt 5, 3). Foi aos «pequenos» que o Pai se dignou revelar o que continua oculto aos sábios e inteligentes⁵. Jesus partilha a vida dos pobres, desde o presépio até à cruz: sabe o que é sofrer a fome⁶, a sede⁷ e a indigência⁸. Mais ainda: identifica-se com os pobres de toda a espécie, e faz do amor activo para com eles a condição da entrada no seu Reino⁹.

545 Jesus convida os *pecadores* para a mesa do Reino: «Eu não vim chamar os justos, mas os pecadores» (Mc 2, 17)¹⁰. Convida-os à conversão sem a qual não se pode entrar no Reino, mas por palavras e actos, mostra-lhes a misericórdia sem limites do Seu Pai para com eles¹¹ e a imensa «alegria que haverá no céu, por um só pecador que se arrependa» (Lc 15, 7). A prova suprema deste amor será o sacrifício da sua própria vida, «pela remissão dos pecados» (Mt 26, 28).

546 Jesus chama para entrar no Reino, por meio de *parábolas*, traço característico do seu ensino¹². Por meio delas, convida para o banquete do Reino¹³, mas exige também uma opção radical: para adquirir o Reino é preciso dar tudo¹⁴. As palavras não bastam, exigem-se actos¹⁵. As parábolas são, para o homem, uma espécie de espelho: como é que ele recebe a Palavra? Como chão duro, ou

¹ Cf. Mt 10, 5-7.

² Cf. Mt 8, 11; 28, 19.

³ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 5: AAS 57 (1965) 7.

⁴ Cf. Lc 7, 22.

⁵ Cf. Mt 11, 25.

⁶ Cf. Mc 2, 23-26; Mt 21, 18.

⁷ Cf. Jo 4, 6-7; 19, 28.

⁸ Cf. Lc 9, 58.

⁹ Cf. Mt 25, 31-46.

¹⁰ Cf. 1 Tm 1, 15.

¹¹ Cf. Lc 15, 11-32.

¹² Cf. Mc 4, 33-34.

¹³ Cf. Mt 22, 1-14.

¹⁴ Cf. Mt 13, 44-45.

¹⁵ Cf. Mt 21, 28-32.

como terra boa?¹⁶ Que faz ele dos talentos recebidos?¹⁷ Jesus e a presença do Reino neste mundo estão secretamente no coração das parábolas. É preciso entrar no Reino, quer dizer, tornar-se discípulo de Cristo, para «conhecer os mistérios do Reino dos céus» (Mt 13, 11). Para os que ficam «fora» (Mc 4, 11), tudo permanece enigmático¹⁸.

CIC 774-776: a Igreja, sacramento universal de salvação

774 A palavra grega *mysterion* foi traduzida em latim por dois termos: *mysterium* e *sacramentum*. Na interpretação ulterior, o termo *sacramentum* exprime prevalentemente o sinal visível da realidade oculta da salvação, indicada pelo termo *mysterium*. Neste sentido, o próprio Cristo é o mistério da salvação: «Nem há outro mistério senão Cristo¹⁹. A obra salvífica da sua humanidade santa e santificadora é o sacramento da salvação, que se manifesta e actua nos sacramentos da Igreja (que as Igrejas do Oriente chamam também «os santos mistérios»). Os sete sacramentos são os sinais e os instrumentos pelos quais o Espírito Santo derrama a graça de Cristo, que é a Cabeça, na Igreja que é o seu Corpo. A Igreja possui, pois, e comunica a graça invisível que significa; e é neste sentido analógico que é chamada «sacramento».

775 «A Igreja em Cristo é como que o sacramento ou sinal e instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo o género humano»²⁰. Ser sacramento da *união íntima do homem com Deus*, eis a primeira finalidade da Igreja. E porque a comunhão dos homens entre si radica na união com Deus, a Igreja é, também, o sacramento da *unidade do género humano*. Nela, esta unidade já começou, pois reúne homens «de toda a nação, raça, povo e língua» (Ap 7, 9). A Igreja é, ao mesmo tempo, «sinal e instrumento» da plena realização desta unidade, que ainda há-de vir.

776 Como sacramento, a Igreja é instrumento de Cristo. «É assumida por Ele como instrumento da redenção universal»²¹, «o sacramento universal da salvação»²², pelo qual o mesmo Cristo «manifesta e simultaneamente actualiza o mistério do amor de Deus pelos homens»²³. É o «projecto visível do amor de Deus para com a humanidade»²⁴, segundo o qual Deus quer «que todo o género humano forme um só povo de Deus, se una num só Corpo de Cristo e se edifique num só templo do Espírito Santo»²⁵.

¹⁶ Cf. Mt 13, 3-9.

¹⁷ Cf. Mt 25, 14-30.

¹⁸ Cf. Mt 13, 10-15.

¹⁹ SANTO AGOSTINHO, *Epistula* 187, 11, 34: CSEL 57, 113 (PL 33, 845).

²⁰ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 1: AAS 57 (1965) 5.

²¹ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 9: AAS 57 (1965) 13.

²² II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 48: AAS 57 (1965) 53.

²³ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. past. *Gaudium et spes*, 45: AAS 58 (1966) 1066.

²⁴ PAULO VI, *Allocutio ad Sacri Collegii Cardinalium Patres* (22 de Junho de 1973): AAS 65 (1973) 391.

²⁵ II CONCÍLIO DO VATICANO, Decr. *Ad gentes*, 7: AAS 58 (1966) 956; cf. Id, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 17: AAS 57 (1965) 20-21.

CIC 2825-2827: cumprir a vontade do Pai para entrar no Reino dos céus

2825 Jesus, «apesar de ser Filho, aprendeu, por aquilo que sofreu, o que é obedecer» (*Heb* 5, 8). Com quanto mais razão nós, criaturas e pecadores, que n'Ele nos tornamos filhos de adoção! Nós pedimos ao nosso Pai que una a nossa vontade à do seu Filho para que se cumpra a vontade d'Ele, o seu plano de salvação para a vida do mundo. Somos radicalmente impotentes para tal, mas unidos a Jesus e com o poder do seu Espírito Santo, podemos entregar-Lhe a nossa vontade e decidir escolher o que o seu Filho sempre escolheu: fazer o que é do agrado do Pai²⁶:

«Aderindo a Cristo, podemos tornar-nos um só espírito com Ele e assim cumprir a sua vontade; desse modo, ela será feita na terra como no céu»²⁷.

«Considerai como Jesus Cristo nos ensina a ser humildes, fazendo-nos ver que a nossa virtude não depende só do nosso trabalho, mas da graça de Deus. Aqui, Ele ordena a todo o fiel que ora a fazê-lo de modo universal, por toda a terra. Porque não diz “seja feita a vossa vontade” em mim ou em vós, mas “em toda a terra”: para que dela seja banido o erro e nela reine a verdade, o vício seja destruído e a virtude reflorêsca, e para que a terra deixe de ser diferente do céu»²⁸.

2826 É pela oração que podemos discernir qual é a vontade de Deus²⁹ e obter perseverança para a cumprir³⁰. Jesus ensina-nos que se entra no Reino dos céus, não por palavras, mas «fazendo a vontade do meu Pai que está nos céus» (*Mt* 7, 21).

2827 «Se alguém honrar a Deus e cumprir a sua vontade, Ele o atende» (*Jo* 9, 31)³¹. Tal é o poder da oração da Igreja feita em nome do seu Senhor, sobretudo na Eucaristia; ela é comunhão de intercessão com a santíssima Mãe de Deus³² e com todos os santos que foram «agradáveis» ao Senhor por não terem querido senão a sua vontade:

«Podemos ainda, sem trair a verdade, traduzir estas palavras: “seja feita a vossa vontade assim na terra como no céu” por estoutas: na Igreja como em nosso Senhor Jesus Cristo; na esposa que Lhe foi desposada, como no esposo que cumpriu a vontade do Pai»³³.

CIC 853, 1036, 1344, 1889, 2656: o caminho estreito

853 Porém, no seu peregrinar, a Igreja também faz a experiência da «distância que separa a mensagem de que é portadora, da fraqueza humana daqueles a quem este Evangelho é confiado»³⁴. Só avançando pelo caminho «da penitência e da renovação»³⁵ e entrando «pela

²⁶ Cf. *Jo* 8, 29.

²⁷ ORÍGENES, *De oratione*, 26, 3: GCS 3, 361 (PG 11, 501).

²⁸ SÃO JOÃO CRISÓSTOMO, *In Matthaëum* homilia 19, 5: PG 57, 280.

²⁹ Cf. *Rm* 12, 2; *Ef* 5, 17.

³⁰ Cf. *Heb* 10, 36.

³¹ Cf. *1 Jo* 5, 14.

³² Cf. *Lc* 1, 38.49.

³³ SANTO AGOSTINHO, *De sermone Domini in monte*, 2, 6, 24: CCL 35, 113 (PL 34, 1279).

³⁴ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. past. *Gaudium et spes*, 43: AAS 58 (1966) 1064.

³⁵ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 8: AAS 57 (1965) 12; cf. *Ibid.*, 15: AAS 57 (1965) 20.

porta estreita da Cruz»³⁶ é que o povo de Deus pode expandir o Reino de Cristo³⁷. Com efeito, «assim como foi na pobreza e na perseguição que Cristo realizou a redenção, assim também a Igreja é chamada a seguir pelo mesmo caminho, para comunicar aos homens os frutos da salvação»³⁸.

1036 As afirmações da Sagrada Escritura e os ensinamentos da Igreja a respeito do Inferno são um *apelo ao sentido de responsabilidade* com que o homem deve usar da sua liberdade, tendo em vista o destino eterno. Constituem, ao mesmo tempo, um *apelo urgente à conversão*: «Entrai pela porta estreita, pois larga é a porta e espaçoso o caminho que levam à perdição e muitos são os que seguem por eles. Que estreita é a porta e apertado o caminho que levam à vida e como são poucos aqueles que os encontram!» (Mt 7, 13-14):

«Como não sabemos o dia nem a hora, é preciso que, segundo a recomendação do Senhor, vigiemos continuamente, a fim de que, no termo da nossa vida terrena, que é só uma, mereçamos entrar com Ele para o banquete de núpcias e ser contados entre os benditos, e não sejamos lançados, como servos maus e preguiçosos, no fogo eterno, nas trevas exteriores, onde “haverá choro e ranger de dentes”»³⁹.

1344 Assim, de celebração em celebração, anunciando o mistério pascal de Jesus «até que Ele venha» (1 Cor 11, 26), o Povo de Deus em peregrinação «avança pela porta estreita da cruz»⁴⁰ para o banquete celeste, em que todos os eleitos se sentarão à mesa do Reino.

1889 Sem a ajuda da graça, os homens não seriam capazes de «descobrir o caminho, muitas vezes estreito, entre a cobardia que cede ao mal e a violência que, julgando combatê-lo, o agrava»⁴¹. É o caminho da caridade, ou seja, do amor de Deus e do próximo. A caridade constitui o maior mandamento social. Ela respeita o outro e os seus direitos, exige a prática da justiça, de que só ela nos torna capazes e inspira-nos uma vida de entrega: «Quem procurar preservar a vida, há-de perdê-la; quem a perder, há-de salvá-la» (Lc 17, 33).

2656 Entra-se na oração como se entra na liturgia: pela porta estreita da fé. Através dos sinais da sua presença, é a face do Senhor que nós buscamos e desejamos, é a sua Palavra que nós queremos escutar e guardar.

³⁶ II CONCÍLIO DO VATICANO, Decr. *Ad gentes*, 1: AAS 58 (1966) 947.

³⁷ Cf. JOÃO PAULO II, Enc. *Redemptoris missio*, 12-20: AAS 83 (1991) 260-268.

³⁸ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 8: AAS 57 (1965) 12.

³⁹ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 48: AAS 57 (1965) 54.

⁴⁰ II CONCÍLIO DO VATICANO, Decr. *Ad gentes*, 1: AAS 58 (1966) 947.

⁴¹ JOÃO PAULO II, Enc. *Centesimus annus*, 25: AAS 83 (1991) 823.